

EMPREENDEDORISMO SOCIAL NA BIBLIOTECONOMIA: análise da atuação bibliotecária em ações com foco na Agenda 2030

Claudia Santos Souza

Bacharel em Biblioteconomia pela
Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro (UNIRIO).

E-mail: claudia.bs.souza@gmail.com

Daniela Spudeit

Professora no curso de bacharelado
em Biblioteconomia e no Programa
de Pós-Graduação em Gestão da
Informação da Universidade do
Estado de Santa Catarina (UDESC).

E-mail: danielaspudeit@gmail.com

RESUMO

O empreendedorismo social visa agir localmente, mas pensando de maneira global e integrada para desenvolver ações coletivas em prol da promoção da qualidade de vida, cultural, econômica ou ambiental no âmbito da sustentabilidade social. No Brasil, é possível identificar profissionais da Biblioteconomia que têm esse perfil empreendedor aliado a uma consciência social coletiva que desenvolvem atividades e projetos, de forma voluntária ou não, voltados à melhoria da educação, acesso à informação, promoção da leitura e da cultura. Dessa forma, este trabalho objetiva apresentar alguns cases de bibliotecários considerados empreendedores sociais para retratar como desenvolvem seu trabalho a partir dos benefícios gerados para as comunidades mais vulneráveis em que atuam. A pesquisa caracteriza-se como descritiva e bibliográfica cuja identificação dos profissionais foi feita via Grupo Bibliotecários do Brasil no *Facebook*. Conclui-se que essa vertente de atuação é crescente e necessária para cumprir com os objetivos da Agenda 2030 da ONU, principalmente no que tange aos objetivos 4 e 10 que buscam reduzir as desigualdades e auxiliar a promover uma educação de qualidade. Além disso, traz muitos benefícios sociais, educacionais e culturais para a população enfatizando a contribuição e responsabilidade social dos profissionais da Biblioteconomia.

Palavras-chave: Empreendedorismo Social.
Biblioteconomia Social. Responsabilidade Social.
Sustentabilidade. Agenda 2030.

**SOCIAL ENTREPRENEURSHIP IN LIBRARIANSHIP:
analysis of the librarian action in actions focused on
2030 Agenda**

ABSTRACT

Social entrepreneurship aims to act locally, but thinking in a global and integrated way to develop collective actions for the promotion of quality of life, cultural, economic or environmental in the scope of social sustainability. In Brazil, it is possible to identify professionals of Librarianship who have this entrepreneurial profile allied to a collective social conscience that develop activities and projects, voluntarily or

not, aimed at improving education, access to information, promotion of reading and culture. Thus, this paper aims to present some cases of librarians considered social entrepreneurs to portray how they develop their work from the benefits generated for the most vulnerable communities in which they work. The research is characterized as descriptive and bibliographical whose identification of the professionals was made via Group Librarians of Brazil on Facebook. It is concluded that this aspect of action is increasing and necessary to meet the objectives of the UN 2030 Agenda, especially in relation to objectives 4 and 10 that seek to reduce inequalities and help promote quality education. In addition, it brings many social, educational and cultural benefits to the population by emphasizing the contribution and social responsibility of library professionals.

Keywords: Social Entrepreneurship. Social Librarianship. Social responsibility. Sustainability. Schedule 2030.

1 INTRODUÇÃO

John Wood ocupava uma importante função na área financeira da Microsoft e depois de muitos anos se dedicando com afinco à empresa, por orientações médicas, tirou um período sabático e programou uma viagem ao Himalaia. Em meio a uma fase de autodescobrimento e reflexões sobre seus objetivos de vida, John percebeu que precisava mudar. Embora se espelhasse em Bill Gates, sua vida precisava de outro sentido. Na viagem viu muitas escolas no Nepal sem uma estrutura mínima de educação, de acesso à informação e cultura. Quando voltou a Nova York, criou uma campanha para arrecadar livros e montar bibliotecas nas escolas do Himalaia para beneficiar toda população conforme relatado por ele (WOOD, 2007).

Para dar um novo significado a sua vida, John largou a profícua carreira na Microsoft e em 2000 criou a *Room of Road*, se transformando num importante ativista social. A ONG tem a educação como foco de plataforma social e por meio dessa instituição John tem empreendido importantes ações em toda Ásia, ficando conhecido como “herói asiático” pela Revista Time e recebeu três vezes o prêmio de Prêmio Capitalista Social da *Fast Company/Monitor Group*. Essa história é um típico caso de empreendedorismo social narrada no livro “Saí da Microsoft para mudar o mundo” publicado em 2007 pela Editora Sextante.

No livro “Doar: como cada um de nós pode mudar o mundo”, o autor Bill Clinton informa que Wood já construiu mais de 287 escolas e 3600 bibliotecas em vários países da Ásia, expandiu para África do Sul e América Latina a partir de 2010. Além dele, Clinton (2008) cita o caso de Sheri Saltzberg e Mark Grashow, profissionais da área de Saúde Pública nos Estados Unidos que em uma viagem de lazer para Zimbábue, na África, viram a realidade das crianças de lá tiveram a ideia de criar uma ONG para melhorar as escolas e toda estrutura educacional (bibliotecas, laboratórios, etc.) visando ~~dar~~ proporcionar mais qualidade de ensino e aprendizagem para as crianças.

Com base nestes exemplos em que o empreendedor social é aquele que não mede esforços para captar recursos por uma causa social que beneficie um grupo de pessoas, seja uma comunidade local ou regional, apresenta-se essa pesquisa para apontar casos de bibliotecários que podem ser considerados empreendedores sociais no Brasil.

Schneider e Castelo Branco (2012, p. 19) definem empreender como o “ato de tentar, experimentar, decidir-se a fazer alguma coisa, resolver, pôr em execução”. Ou seja, remete à ação e pode-se dizer que empreendedores são aqueles que realizam algo, mobilizam recursos e correm riscos para colocar suas ideias em prática. Schneider e Castelo Branco (2012, p. 22) definem o empreendedor como: “É aquele conectado, bem relacionado, atento e dinâmico, capaz de ver o que os outros não veem (...), tem uma relação profunda com o que faz e não aprecia perder oportunidades”.

Partindo dessa premissa do empreendedor ser definido como realizador e mobilizador, é interessante conhecer casos de pessoas que tem esse perfil, porém no caso do empreendedor social tem uma preocupação além do capitalismo ou acumulação de lucro, como vemos grandes empresários que têm esse perfil empreendedor. Dessa forma, Oliveira (2004) explica que o empreendedorismo social é uma forma coletiva e integrada de produzir bens e serviços para a comunidade local com o objetivo de desenvolver soluções para problemas sociais.

Empreendedorismo é "o processo de somar algo novo [criatividade] a algo diferente [inovação] com a finalidade de criar riqueza para o indivíduo e acrescentar valor à sociedade" (THOMPSON, 2002, p. 413). É aquela pessoa que habitualmente cria e inova, desenvolvendo alguma coisa de reconhecido valor, em torno de uma oportunidade. Muitos empreendedores sociais são pessoas com qualidades e conhecimentos e podem ser associados, por nós, a empresários que operam na comunidade e estão mais preocupados em ajudar as pessoas do que "ganhar dinheiro". Em muitos casos, eles

mudam as vidas das pessoas porque abraçam causas sociais importantes (THOMPSON, 2002).

Nas áreas da Saúde e Meio Ambiente, é mais comum conhecer casos de pessoas que agem em prol do coletivo e fundam instituições com os objetivos sociais. Entretanto, essa pesquisa foca nas iniciativas educacionais e culturais desenvolvidas por bibliotecários que são consideradas exemplos de empreendedorismo social. Essas ações contribuem para o fortalecimento da responsabilidade social da profissão, visibilidade das ações da Biblioteconomia para a sociedade e também contribui para o alcance dos objetivos de desenvolvimento sustentável da Agenda 2030 estipulados pelas Organizações das Nações Unidas (ONU)¹.

A Agenda 2030 elenca 17 objetivos organizados em 169 metas e compõem um plano de ação criado em 2015 por representantes dos 193 países membros da ONU pensando na transformação do mundo para um desenvolvimento mais sustentável. Dentro desse plano de ação, os bibliotecários podem contribuir para o alcance de todos os dezessete objetivos, entretanto, enfatiza-se o objetivo 4 (Educação e Qualidade) e objetivo 10 (Redução das Desigualdades) como os prioritários para serem realizados, pois visam o desenvolvimento de empreendimentos sociais para a melhoria no acesso, uso e disseminação da informação para a efetiva construção do conhecimento e formação de uma sociedade mais reflexiva, crítica, consciente e democrática. Dessa forma, este trabalho objetiva apresentar alguns cases de bibliotecários considerados empreendedores sociais para retratar como desenvolvem seu trabalho a partir dos benefícios gerados para as comunidades mais vulneráveis em que atuam contribuindo para a qualidade de vida, cultural, econômica e ambiental no âmbito da sustentabilidade social.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O fenômeno de empreendedorismo social surge num contexto de desafios, crises, mudanças sociais, econômicas e ambientais que caracterizam a atual sociedade. É importante compreender como ocorreu desde o início nos Estados Unidos e como o este fenômeno reverbera para a Biblioteconomia.

¹ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Agenda 2030. 2015. Disponível em <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>

2.1 Histórico sobre empreendedorismo social

Parente e Quintão (2014, p. 13) explicam que “O conceito de empreendedorismo social encontra as suas raízes nos EUA, na década de 1980, nas áreas disciplinares da economia e da gestão, e o termo empreendedor social vulgariza-se nos anos 1990”.

Na década de 1990, a perspectiva teórica do setor não lucrativo internacionalizou-se através do *The Johns Hopkins Comparative Nonprofit Setor Project*, iniciado em 1991. Este projeto, encabeçado por *Lester Salamon da The John Hopkins University*, surge da crescente importância das organizações de caráter associativo e não lucrativo em áreas como a educação, saúde, serviços sociais, serviços culturais e recreativos, numa versão funcionalista, inspirada numa perspectiva económica do papel destas organizações nas sociedades atuais. Em meados da década de 1990, este projeto começa a ser replicado, abrangendo hoje 45 países o que permitiu desenvolver alguns dos primeiros estudos de âmbito nacional e possibilitou as primeiras comparações internacionais. Estes estudos vieram contribuir para uma maior visibilidade do setor em termos económicos e políticos, a medida em que possibilitaram a quantificação do número de trabalhadores (remunerados ou voluntários), horas de trabalho, receitas e peso das diversas fontes de financiamento (governo, filantropia, vendas). (PARENTE, QUINTÃO, 2014, p. 15).

Dessa forma, percebe-se que o empreendedorismo social surgiu a partir da incapacidade das instituições governamentais em solucionar novos problemas sociais, visível nos diferentes tipos de políticas sociais setoriais (ou na ausência delas) e particularmente nas restrições orçamentais que fomentam iniciativas da sociedade civil na procura de práticas alternativas que respondam às necessidades sociais não atendidas nem pelo Estado, tampouco pelo mercado conforme colocado por Parente *et al* (2011). Os mesmos autores defendem que:

É consensual que o conceito de empreendedorismo social nasce em contexto americano e que não obstante as divergências entre as escolas que se debruçam sobre o fenómeno, fruto dos contextos sociais, políticos e económicos diferenciados, todas contribuíram quer para o crescimento do interesse pelo tema quer para a consensualização da necessidade de encontrar formas inovadoras no uso de métodos de negócio adequados à resolução de problemas sociais (PARENTE et al, 2011, p. 270).

Nesse sentido, Silva, Moura e Junqueira (2015) explicam que nas últimas décadas, as pessoas e organizações têm buscado novas formas de atuar com foco no impacto social. É nesse contexto que emergem as discussões sobre empreendedorismo social, porém isso não é novo, pois antes da utilização do termo já havia iniciativas que poderiam se enquadrar como empreendedorismo social. A utilização do termo e o aumento de empreendimentos sociais se tornaram foco de diversos estudos, em face das organizações que atuam no segmento social buscarem a sustentabilidade financeira.

O empreendedorismo social chega ao Brasil, justamente quando começa a popularização do empreendedorismo nos EUA, na década de 1990, o contexto era de crescente problematização social, a redução dos investimentos públicos no campo social, o aumento das organizações do terceiro setor e da participação das empresas no investimento e nas ações sociais (OLIVEIRA, 2004).

Atualmente, o empreendedorismo social se apresenta como um conceito em desenvolvimento, mas com características teóricas, metodológicas e estratégicas próprias, sinalizando diferenças entre uma gestão social tradicional e uma empreendedora.

2.2 Desenvolvimento do empreendedorismo social

Para entender como funciona, Baggio e Baggio (2014, p. 30) explicam que “o processo de empreendedorismo social exige principalmente o redesenho de relações entre comunidade, governo e setor privado, com base no modelo de parcerias”. Para tanto, o resultado final desejado é a promoção da qualidade de vida social, cultural, econômica e ambiental sob a ótica da sustentabilidade. Hart e Milstain (2004) detalham que a sustentabilidade global tem sido definida como a habilidade para satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a habilidade das futuras gerações para satisfazerem suas necessidades. Similarmente, o desenvolvimento sustentável é um processo para se alcançar o desenvolvimento humano de uma maneira inclusiva, interligada, igualitária, prudente e segura. Dentro dessa linha que Baggio e Baggio (2014, p.30) esclarecem que “o empreendedorismo social é um misto de ciência e arte, racionalidade, intuição, ideia e visão, sensibilidade social e pragmatismo responsável, utopia e realidade, força inovadora e praticidade”. Para eles, o empreendedor social

subordina o econômico ao humano, o individual ao coletivo e carrega consigo um grande sonho de transformação da realidade atual.

Os autores explicam que o empreendedorismo social difere do empreendedorismo propriamente dito em dois aspectos: não produz bens e serviços para vender, mas para solucionar problemas sociais, e não é direcionado para mercados, mas para segmentos populacionais em situações de risco social (exclusão social, pobreza, miséria, risco de vida). Nesse sentido, Hesselbein *et al* (1998, p. 53) enfatizam que o empreendedor social “transforma processos no setor social, também com a perspectiva de extrair um rendimento maior. Aqui, no entanto, o ‘produto’ não é nem uma mercadoria nem um serviço (como nos negócios), nem uma regulamentação (como no governo), mas um ser humano transformado”. Para eles (empreendedores bem sucedidos), qualquer que tenha sido a questão, a atração não foi a necessidade existente, por si própria, mas a perspectiva de obter resultados, de realmente produzir uma mudança em circunstâncias e vidas humanas. Essa é uma característica diferenciadora dos empreendedores sociais: não se engajam em caridade, mas em transformação.

Atualmente, o empreendedorismo social apresenta-se como um conceito em desenvolvimento, mas com características, princípios e valores próprios, sinalizando diferenças entre uma gestão social tradicional e uma empreendedora. Ou seja, é uma forma de solucionar problemas de pobreza e exclusão social. Inicialmente era uma derivação do empreendedorismo empresarial e foi fortemente influenciado pela ação das empresas privadas no campo social e público, assumindo, contudo, as suas próprias estratégias, num contexto de renascimento do terceiro setor e da necessidade e procura de ações de grande impacto e mudanças efetivas (BAGGIO; BAGGIO, 2014).

2.3 Perfil e características do empreendedorismo social

André Neto *et al* (2013) apresentam características entre o empreendedor privado, empreendedor social empresarial e o empreendedor social enfatizando que o empreendedor social foca no coletivo e integrado com foco na busca de soluções para problemas sociais a partir de medidas de desempenho com impacto e transformação gerando capital social, inclusão e emancipação. Na literatura o empreendedor social também é visto como empreendedor sustentável oposto ao empreendedor mais capitalista que só visa lucro a qualquer custo, de acordo com André Neto *et al* (2013).

Schneider e Castelo Branco (2012) enfatizam que criar um negócio é difícil, por isso realizar isso com a preocupação de reduzir desigualdades sociais é desafiador exigindo maior criatividade e inovação na busca de soluções comuns que visem o desenvolvimento coletivo e sustentável. A sustentabilidade deve ser pautada em uma consciência social, reconhecimento do valor da diversidade cultural e política, ênfase nas prioridades voltadas às necessidades básicas, a qualidade de vida e inclusão social segundo Krause (1997).

O empreendedorismo social contribui para formação da cidadania emergindo como uma forma de enfrentamento dos desafios sociais, econômicos e ambientais insuficientemente atendidos pelo Estado conforme enfatizado por Capela (2014). Para essa autora, “a prática se confunde e diferencia do empreendedorismo privado, da responsabilidade social empresarial e do ativismo social, evidenciando tratar-se de um conceito em construção, mas com características já definidoras”. Ela explica que:

Ao buscar essa definição e distinção, encontra-se que o empreendedorismo privado, apesar de ter o objetivo de suprir necessidades humanas, tem o foco no mercado e a medida de seu desempenho é o lucro. A confusão ocorre porque o empreendedorismo social se apropriou do termo empreendedorismo, pois incorporou suas características em um espaço cuja finalidade não é a da acumulação da riqueza ou lucro. A responsabilidade social empresarial traz para o negócio a perspectiva de longo prazo, a inclusão sistemática da visão e das demandas das partes interessadas e a transição para um modelo em que os princípios, a ética e a transparência precedem a implementação de processos, produtos e serviços. Seu objetivo principal, no entanto, é agregar valor estratégico ao negócio e atender expectativas do mercado e da percepção da sociedade/ consumidores. O ativismo social ou político também é provocado pela constatação de desequilíbrio social, mas se diferencia pela orientação da ação transformadora que é focada em influenciar outros, como os governantes, instituições não governamentais, consumidores ou trabalhadores. Embora exija do ator social as mesmas características de inspiração, criatividade e força, a medida do desempenho está relacionada à mobilização alcançada, mais do que à intervenção direta na promoção do equilíbrio. O uso de um conceito pelo outro ocorre pela mescla de orientações que cruzam objetivo social, associado às instituições sem fins lucrativos, com uma vertente empreendedora, aliada ao caráter dinâmico e inovador do negócio. Por outro lado, embora seja importante conceituar adequadamente. (CAPELA, 2014, p. 68).

No que tange ao perfil do empreendedor social, Heis (2006) defende que a primeira determinante do perfil são os valores humanos nos quais ele deve defender a

cooperação, a solidariedade, a equidade, a competência, a responsabilidade e o rigor econômico. Outra característica do empreendedor social é o conhecimento que esse deve ter de história, geografia e a evolução da humanidade, para que ele possa entender as diferenças culturais existentes na sociedade brasileira, as quais o permitem enfrentar os efeitos da exclusão social, como a violência urbana, a exploração infantil, a marginalização dos idosos, os preconceitos e o narcotráfico. O empreendedor social deve ser uma pessoa com habilidades gerenciais que valorizam tanto a rotina operacional quanto a inovação organizacional. E ainda ser capaz de conciliar a parte operacional com os projetos, que constituem a atividade-fim das instituições sociais, justificando a sua existência.

Apesar dos termos serem relativamente novos, empreendedores sociais e ações de empreendedorismo social podem ser encontrados ao longo da história em diferentes áreas e iniciativas. Ao fazer uma pesquisa sobre empreendedorismo social na base SCIELO², uma das bases de dados mais completas existentes que agrupa publicações de várias áreas do conhecimento, a busca usando as palavras “empreendedorismo e empreendimento social” trouxe 144 artigos cujas publicações concentram-se principalmente no Brasil (98), Colômbia (21) e Portugal (21), sendo 07 em língua portuguesa, 22 em inglês e 20 em espanhol³.

A primeira publicação foi em 2004 e o ano que mais teve publicações foi 2012 com o registro de 19 artigos, em segundo lugar foi no ano de 2015 com 17 artigos, no qual 111 são focados na área de Ciências Sociais Aplicadas retratando a importância científica que existe nessa área para pesquisas sobre essa temática, embora seja um número expressivo ainda carece de maior aprofundamento.

2.4 Empreendedorismo social na Biblioteconomia

Na Biblioteconomia, ao pesquisar na Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI)⁴ o termo “empreendedorismo social” como estratégia de busca trouxe como resultado apenas dois artigos. Porém, nenhum dos dois foi direcionado para a área de Biblioteconomia. Ao colocar o termo “empreendedor social” apareceu na busca

² SCIELO é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros disponível em <http://www.scielo.org/php/index.php>

³ Busca realizada em maio de 2018.

⁴ BRAPCI é uma base de dados de Periódicos em Ciência da Informação publicadas no Brasil desde 1972 disponível em <http://www.brapci.inf.br/>

o artigo de Josiane Fonseca da Cunha publicado na Revista ACB em 2009 que apresenta o histórico das atividades sociais praticadas pela Faculdade São Francisco de Assis desde o ano de 2004. A autora detalha as ações realizadas pela faculdade em instituições carentes de Porto Alegre e região metropolitana, doando alimentos, brinquedos e alegria para algumas pessoas, em sua maioria crianças e explica a atividade teatral cujo elenco era formado por colaboradores da biblioteca.

O fato de nos resultados não apresentar trabalhos indexados com a palavra “empreendedorismo social” também mostra que as ações desenvolvidas muitas vezes de forma voluntária para beneficiar comunidades vulneráveis podem até existir, porém não são tão disseminadas em canais de comunicação como revistas científicas. Em eventos da área como Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação e o Painel Biblioteconomia de Santa Catarina é possível encontrar alguns relatos de práticas sociais.

Mesmo assim, percebe-se que na área de Biblioteconomia existe uma lacuna de estudo que relacione esses relatos de experiências sobre empreendedorismo social. É importante que haja maior aprofundamento sobre a temática para publicizar as práticas culturais e educacionais que são realizadas por meio de parcerias e voluntariado de diferentes profissionais.

Pensando nisso, a comissão organizadora do III Fórum de Inovação e Empreendedorismo na Biblioteconomia (FIEB)⁵, que ocorreu em setembro de 2018 em Campo Grande (Mato Grosso do Sul), escolheu como temática “Empreendedorismo Social” para dar visibilidade aos empreendedores sociais na área e oportunizar discussões e aprendizagens sobre essa importante temática e alinhar estas iniciativas aos objetivos da Agenda 2030, principalmente nas áreas de educação e cultura em que os profissionais da Biblioteconomia tem as competências requeridas para desenvolver projetos sociais.

Bastos e Ribeiro (2011) ao relacionar a educação e empreendedorismo social como forma de transformar os cidadãos enfatizam que essa proposta coaduna com a linha pedagógica de Paulo Freire (2001), que entende as mudanças da realidade a partir da participação dos sujeitos que a constituem.

Imaginar horizontes de possibilidades; sonhar coletivamente é assumir a luta pela construção das condições de possibilidade. A capacidade de sonhar coletivamente, quando assumida na opção pela vivência da radicalidade de um sonho comum, constitui atitude de formação que

⁵ Fórum de Inovação e Empreendedorismo na Biblioteconomia disponível em www.fieb.net.br

orienta-se não apenas por acreditar que as situações-limite podem ser modificadas, mas fundamentalmente, por acreditar que essa mudança se constrói constante e coletivamente no exercício crítico de desvelamento dos temas-problemas sociais que as condicionam (FREIRE, 2001, p.30).

É nesse viés que o empreendedorismo social surge para protagonizar a construção desse “sonho coletivo”, pois Freire (2001) sempre convida, a partir da prática educativa, a “(trans)formar uma geração de alunos que tenham nítida percepção do contexto social, político, tecnológico da realidade excludente e, ainda, da possibilidade de gerar mudanças a partir de ações coletivas, conscientes, transformadoras” (FREIRE, 2001, p. 30).

A partir desse olhar de Paulo Freire, percebe-se que os empreendedores sociais são pessoas preocupadas com as questões sociais, e por isso, realizam trabalho na comunidade a qual estão inseridas em que o ganho maior é o desenvolvimento das pessoas. Mas, para que isso aconteça, é necessário além da boa vontade, criatividade e inovação.

Dentro dessa perspectiva da responsabilidade social na Biblioteconomia e alinhada à missão social defendida por Ortega y Gasset (2006, p. 13) o bibliotecário:

Ao exercer uma profissão deve comprometer-se a fazer o que a sociedade necessita. (...). Para determinar a missão do bibliotecário, é preciso partir (...) da necessidade social a que serve vossa profissão. E esta necessidade, como tudo que é propriamente humano, não consiste em uma magnitude fixa, mas é, essencialmente, variável, migratória, evolutiva; em suma histórica.

Assim, consta também no juramento da Biblioteconomia, disposto pelo Conselho Federal de Biblioteconomia (1966) que enfatiza a responsabilidade social quando cita: “Prometo tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão de Bibliotecário, fundamentado na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana”. (CFB, 1966). Shera (1977, p.11), importante pesquisador da Ciência da Informação, também salienta a função social da Biblioteconomia “Seja qual for o nível intelectual em que deve operar, o foco da Biblioteconomia deve ser para aumentar a utilidade social dos registros gráficos (...), a Biblioteconomia deve servir à sociedade em toda extensão de suas potencialidades, deve ser muito mais do que um monte de truques para encontrar um determinado livro numa estante particular, para um consulente particular”.

Com essa intenção, é possível perceber alguns trabalhos publicados que retratam a Biblioteconomia com uma vertente mais social, chamada de “Biblioteconomia Social”. Souza (2001) propôs um estudo amplo para produzir uma “teoria biblioteconômica-humana” para o Brasil. Para ele, “a perspectiva humana da Biblioteconomia, traduzida aqui pela expressão Biblioteconomia Social, exige pesquisa nacional, com investimento em capacitação de pesquisadores capazes de entender, explicar, e ensinar uma Biblioteconomia para a autonomia nacional” (SOUZA, 2001, p. 44).

Lindemann (2014) procurou fazer este estudo por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental sobre a temática e mostrou que “embora o termo Biblioteconomia Social em si não seja muito familiar dentro da área no Brasil, ele é na verdade o caminho de um novo conhecimento respaldado no conhecimento tradicional já existente como prática bibliotecária, mas sem a compreensão de conceitos” (p.45). De acordo com a autora, existem programas de pós-graduação (UNAM, México), cursos e oficinas (Universidade de Córdoba, Argentina) contemplando exclusivamente essa temática, entre outras iniciativas.

Spudeit e Moraes (2018) publicaram coletânea de textos sobre biblioteconomia social em que vários autores do país relatam pesquisas e práticas voltadas para ação social, sendo considerados os diferentes perfis de empreendedores sociais dentro da Biblioteconomia.

Silva, Moura e Junqueira (2015, p. 122) corroboram e apontam a necessidade de atender as demandas da sociedade e “abre-se uma nova perspectiva no enfrentamento dos problemas sociais, seja pelo empreendedorismo social ou por outras formas que assumam as organizações da sociedade civil”. Esse campo demanda não só uma ação inovadora, mas também a reconfiguração dos papéis dos diversos atores sociais sejam eles, as próprias organizações, o Estado e a iniciativa privada. Resta identificar cases de bibliotecários que podem ser considerados empreendedores sociais que é o foco desta pesquisa cujos procedimentos metodológicos são apresentados a seguir.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica em relação aos objetivos e quanto aos procedimentos é descritiva. Para desenvolver a pesquisa, apresenta-se fundamentos teóricos sobre empreendedorismo, empreendedorismo social,

sustentabilidade, Agenda 2030 e função social da Biblioteconomia. Para esse levantamento, foi feita uma pesquisa em artigos científicos indexados nas bases BRAPCI no SCIELO além de consultar a literatura da área. Segundo Gil (2010) a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Para relatar as experiências de bibliotecários considerados empreendedores sociais no Brasil foi feita uma coleta via *Facebook* no grupo Bibliotecários do Brasil que congrega mais de doze mil profissionais no Brasil. Após identificar algumas iniciativas, entrou-se no site ou fanpage dos projetos e também das pessoas envolvidas para conhecer mais as ações que realizavam. Para esse relato, focou-se em alguns casos para demonstrar as possibilidades da atuação do profissional como empreendedor social na Biblioteconomia e fazer ações focadas nos objetivos da Agenda 2030 das Organizações das Nações Unidas.

4 CASOS DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL DESENVOLVIDOS POR BIBLIOTECÁRIOS

Na Biblioteconomia e Ciência da Informação, o termo empreendedorismo social ainda não é usado, porém encontra-se em anais de eventos e artigos de revistas diferentes trabalhos que discorrem sobre reflexões e ações voltadas à geração de benefícios a toda sociedade, seja iniciativa local ou regional, no âmbito das organizações não governamentais, setor privado ou público. Estas práticas são tratadas por Moraes (2018) como ações de “responsabilidade social bibliotecária”. Para a autora o tema da responsabilidade social “torna-se cada vez mais pauta do dia não apenas na área da administração de empresas, mas em várias outras áreas do conhecimento, principalmente no campo da educação” (p. 49). Nesse cenário educacional, “encontram-se os bibliotecários, profissionais da informação e da cultura, os quais buscam adentrar os terrenos das escolas e atuar junto aos professores possibilitando acesso à informação, à cultura e alfabetizando os alunos no que concerne ao mundo informacional” (p.52).

No viés da responsabilidade social bibliotecária que emerge o empreendedorismo social como forma de colocar o documento (um dos focos da Biblioteconomia) em um segundo plano e focar nas necessidades de acesso e uso da

informação como norte principal das iniciativas dos profissionais da Biblioteconomia. A esta postura, que Moraes (2018, p.60) chama para um perfil de um bibliotecário “mais crítico e consciente de que seu trabalho envolve algo muito além da organização e administração dos materiais de informação; de que, na realidade, ele é um mediador, um educador do acesso e do uso da informação, que surge o que denominamos de visão crítica da responsabilidade social bibliotecária”.

Dentro dessa perspectiva que as ações empreendedoras e socialmente responsáveis dos profissionais da Biblioteconomia vem corroborar com o cumprimento dos objetivos da Agenda 2030, em especial dos objetivos 4 e 10 que dizem respeito à qualidade da educação e também a redução das desigualdades, compromisso priorizado pela Federação Internacional de Associações de Bibliotecas e Instituições (IFLA)⁶, que é o organismo internacional que representa os interesses das bibliotecas e serviços de informação e de seus usuários.

No caso do objetivo 4 que se relaciona a assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade visando promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. A IFLA (2017) coloca que: as bibliotecas devem cumprir esse objetivo mediante a provisão de equipes dedicadas que apoiem a educação na primeira infância (educação continuada), o acesso à informação e a pesquisa para estudantes em todo o mundo, promovam espaços inclusivos onde os custos não sejam uma barreira para adquirir novos conhecimentos e habilidades. É possível que os profissionais da Biblioteconomia promovam atividades e projetos voltado à formação de leitores, diversidade cultural, multiculturalismo, desenvolvimento da competência em informação, entre outros.

Em relação ao objetivo 10 diz respeito à redução das desigualdades dentro dos países e entre eles. Para a IFLA (2017) as bibliotecas podem promover espaços neutros e agradáveis que permitam a aprendizagem para todos, incluindo os grupos marginalizados, como os imigrantes, os refugiados, as minorias, os povos indígenas e pessoas com deficiência, além do acesso equitativo à informação que promova a inclusão social, política e econômica. Torna-se necessário que sejam realizadas ações que visem promover o respeito, a tolerância e inclusão de todos, pensando nas questões de gênero, sexualidade, raça, religião, cor, entre outros fatores que muitas vezes são usados de forma

⁶ Disponível em <https://www.ifla.org/files/assets/hq/topics/libraries-development/documents/sdgs-insert-pt.pdf>

discriminatórias e precisam ser combatidos para promover a igualdade. Oficinas, encenações teatrais, cine-debates, palestras, exposições, entre outras atividades devem ser promovidas com essa finalidade dentro e fora dos espaços tradicionais de atuação dos bibliotecários.

Nesse contexto, Spudeit e Prado (2017) relatam as atividades desenvolvidas pelas bibliotecas parques no estado do Rio de Janeiro alinhadas às premissas de sustentabilidade propostas pela Agenda 2030 que também são consideradas ações que legitimam o empreendedorismo social na Biblioteconomia.

Ao realizar a busca no grupo “Bibliotecários do Brasil” na mídia social Facebook que reúne mais de 12 mil bibliotecários⁷ foi possível mapear algumas ações consideradas cases de empreendedorismo social na área conforme serão relatadas a seguir:

A Biblioteca Sem Paredes localizada no Rio de Janeiro é um típico exemplo de empreendedorismo social. Trata-se de um projeto desenvolvido pelos bibliotecários Carlos Farias e Patrícia Chamon, quando ainda eram estudantes de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O projeto tem por missão promover e incentivar a leitura na capital do Rio de Janeiro. Os livros são arrecadados e doados por amigos, editoras ou pessoas interessadas em partilhar leitura e depois são disponibilizados em praça pública, numa banca para as pessoas que circulam pela Feira Desapegue-se. O projeto utiliza o *facebook e twitter* como forma de divulgação e aproximação com leitores de outros estados brasileiros. O envio também é feito para diferentes regiões do país, mediante pagamento das despesas de envio pois as obras são doadas.

No sudeste tem também o Clube Literário Tamboril, trabalho feito por uma equipe interdisciplinar que conta com o bibliotecário Leandro da Silva Teixeira. É realizado nas cidades de Pirapora e Buritizeiro em Minas Gerais desde 2017. São bibliotecas comunitárias que funcionam como pontos de leituras e desenvolvem diferentes atividades com mediação, saraus, oficinas, empréstimos de livros, rodas de conversas com autores, entre outras.

No sul, um exemplo típico bem conhecido dentro da área de Biblioteconomia é o de Cátia Lindemann. Formada pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Cátia se considera ativista da biblioteconomia social, atua na promoção do livro e a leitura para

⁷ Dado de junho de 2018.

comunidades com vulnerabilidade social. Trabalha de forma voluntária com mediação de leitura para detentos, implantou e organizou um espaço de leitura em uma Casa de dependentes químicos no Rio Grande do Sul. Por meio do seu trabalho com detentos, surgiu a necessidade de disseminar o hábito de leitura em prostíbulos, onde quinzenalmente faz empréstimo de livros. Em consequência da sua atuação, em 2016, Cátia foi contratada pela empresa VR Projetos Sociais, Culturais e Transformadores, para atuar de forma remunerada em projetos de promoção do livro e a leitura a comunidades em vulnerabilidade social em diferentes regiões no Brasil por meio dos projetos: estante de histórias e sacolas literária. Como bibliotecária voluntária, já implantou 04 bibliotecas no Rio Grande do Sul (01 prisional, 01 comunitária, 02 escolares em colégio público estadual), pois acredita que a educação esvaziará o cárcere.

No sul, entre tantos, destaca-se o projeto UmanuS, criado em dezembro de 2016 pela bibliotecária Franciéle Garcês e sua sócia Daiana Breternitz, da área de Administração Pública. Atua com desenvolvimento acadêmico para pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica e educacional. Dessa forma, ajuda pessoas que queiram se preparar para ingressar numa universidade, fazer uma graduação ou pós-graduação oferecendo métodos de estudos, planejamento do tempo e dicas sobre os processos seletivos e vestibulares.

Outro típico caso de empreendedorismo social, que não é gerenciado e nem foi criado por bibliotecários, porém tem bibliotecários que atuam de forma esporádica como voluntários na equipe é o case da Barca dos Livros em Florianópolis, Santa Catarina.

A Biblioteca Barca dos Livros caracteriza-se como uma biblioteca comunitária criada em 02 de fevereiro de 2007 com o objetivo de defender a importância da leitura para o desenvolvimento coletivo e individual. Foi instituída por um grupo de moradores da região da Lagoa da Conceição que depois passou a ser administrada pela Associação Amantes da Leitura, do mesmo bairro, na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Atualmente é administrada por uma professora aposentada, entretanto, recebe ajuda voluntária de profissionais da área de Biblioteconomia regularmente, bem como estudantes de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina que realizam estágio curricular ou extracurricular.

Com ampla programação cultural e educacional, oferece uma extensa agenda com intervenções literárias, cursos, palestras, oficinas, contações de histórias, encenações teatrais, sessões de lançamentos de livros e conversas com escritores, entre outras

atividades que são programadas em parceria com a comunidade da Lagoa da Conceição. Em algumas ações, é cobrada taxa de inscrição para manter os custos da locação do espaço e outras taxas administrativas. Porém, várias ações são ofertadas gratuitamente para toda comunidade. Para manter-se faz parcerias com instituições públicas e recebe doações de empresas privadas e pessoas físicas.

No norte do país tem a bibliotecária Cristiane Garcia que em parceria com alunos da Universidade Federal de Rondônia criou em 2016 a Biblioteca Salete Vergani dentro de uma unidade prisional localizado em Porto Velho (RO). Com um acervo de mais de 900 livros, conta como público alvo, apenadas e seus filhos. Trata-se de um projeto voluntário (não remunerado), que promove o acesso ao livro, ao conhecimento, à cultura, além de aproximar a apenada ao regime semiaberto por meio da remição de pena através da leitura.

Também no norte do país, outro caso de empreendedorismo social é a Expedição Barco Biblioteca no Rio Amazonas divulgada por um dos bibliotecários voluntários Thiago Giordano Siqueira. A atividade surgiu em 2006 e conta com doações para alugar o barco e realizar as atividades. O projeto visa levar a leitura para as comunidades ribeirinhas do Amazonas que não possuem acesso de via terrestre, tentando alcançar e ganhar o maior número de leitores possíveis contribuindo para o processo de inclusão informacional a partir da prática da leitura e a democratização do acesso ao livro. A última expedição ocorreu em agosto de 2017 em quatro comunidades de vulnerabilidade social Águia, Nossa Senhora de Nazaré, São Paulo e São Pedro do Lago do Castanho de Manacapuru, no estado do Amazonas.

No nordeste também é possível encontrar vários cases de empreendedorismo social na área, mas destaca-se o BiblioSolidário. Foi criado em 2012 por amigos bibliotecários paraibanos, tem como objetivo promover e disseminar ações voltadas à diversidade de indivíduos, culturas, e condições sociais. Tem por finalidade de colaborar de distintas formas para aquisição de bens necessários para uma condição de vida melhor, através de obras sociais e de atividades que promovam o incentivo à leitura. A equipe desenvolve atividades culturais diversas e distribuição de livros e brinquedos.

Além dessas relatadas, é possível identificar inúmeras outras na área que tem impactos sociais, colaboram com benefícios para uma comunidade ou atendem necessidades de grupos locais. Pautado nestas necessidades percebe-se que nem sempre o empreendedorismo tem por objetivo somente a obtenção de resultados particulares ou

individuais, mas também pode gerar benefícios a toda sociedade, seja iniciativa local ou regional que vão além somente de iniciativas da esfera pública ou privada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que na Biblioteconomia tem muitos “John Woods” com o mesmo desejo em melhorar a qualidade de vida das pessoas e oportunizar o acesso à informação e cultura. Apesar de ainda não conseguirem mobilizar tantos recursos e ter a visibilidade de John Wood, são bibliotecários que saíram da “zona de conforto” e estão pensando localmente e agindo globalmente “fora da caixinha” focados no bem-estar coletivo, empreendendo socialmente.

Estes profissionais da Biblioteconomia além de serem considerados empreendedores sociais também são inovadores sociais pois são agentes de transformação que se motivam para melhorar ou inventar novas soluções de forma sustentável para mudar a sociedade e gerar impacto social que beneficiam comunidades e grupos por meio de atividades de leitura, cultura e de acesso à informação.

Na perspectiva da inovação social, os empreendedores sociais não surgem associados a uma dimensão de organização coletiva ou a qualquer setor, público ou privado (lucrativo ou não lucrativo), mas sim em estruturas híbridas, ora com apoio de empreendimentos comerciais, do setor público, e, ainda, no setor privado, por meio de iniciativas de responsabilidade social empresarial ou empreendedorismo social corporativo.

As atividades sociais, educacionais e culturais relatadas nessa pesquisa vão ao encontro das práticas empreendedoras defendidas por renomados pesquisadores e contribuem para o alcance efetivo dos objetivos da Agenda 2030, em especial o objetivo 4 (Educação de Qualidade) e 10 (Redução das Desigualdades) da Agenda 2030, além de trazer visibilidade para o papel, missão e responsabilidade social da Biblioteconomia. Além disso, fazem parte de um rol de outras que podem e devem ser exploradas e investigadas nos sertões, periferias e capitais desse Brasil pelos bibliotecários. É de suma importância que este profissional assuma sua responsabilidade social e alinhe suas práticas aos preceitos de sustentabilidade requeridos pelas Organizações das Nações Unidas.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ NETO, Antônio et al. **Empreendedorismo e desenvolvimento de novos negócios**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. Empreendedorismo: conceitos e definições. **Rev. de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2014. Disponível em <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistas/article/view/612>
- BASTOS, Maria Flávia; RIBEIRO, Ricardo Ferreira. Educação e empreendedorismo social: um encontro que (trans)forma cidadão. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 11, n. 33, p.573-594, maio/ago. 2011. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4438>
- CAPELA, Sandra M. J. O empreendedorismo social e sua contribuição para formação da cidadania: estudo de caso da Associação Solidariedade Sempre. SABINO, Rosi (Org). **Empreendedorismo social**. Londrina, 2014. p. 65-75. Disponível em <http://www.isaebrasil.com.br/download/EmpreendedorismoSocial-Rosi-Sabino-org.pdf#page=65>.
- CLINTON, Bill. **Doar: como cada um de nós pode mudar o mundo**. Rio de Janeiro, Agir, 2008.
- CUNHA, Josiane Fonseca da. Bibliotecário, um empreendedor social: atividades desenvolvidas na Faculdade São Francisco de Assis. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.14, n.1, p.192-205, jan./jun., 2009. Disponível em <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/652>
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010
- HARD, Stuart; MILSTEIN, Mark. Criando valor sustentável. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 3, n. 2, maio 2004. Disponível em <https://rae.fgv.br/gv-executivo/vol3-num2-2004/criando-valor-sustentavel>
- HESELBEIN, Francês; GOLDSMITH, Marshall; BECKHARD, Richard; SCHUBERT, Richard F. **A Comunidade do futuro: ideias para uma nova comunidade**. São Paulo: Futura, 1998.
- KRAUSE, G. A natureza revolucionária da sustentabilidade. IN: CAVALCANTI, C. (Org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1997.
- LINDEMANN, Catia. **A busca pela Biblioteconomia Social por meio da Ciência da Informação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande/RS, 2014. 60 f. Disponível em <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6000/BIBLIO%20SOCIAL.pdf?sequence>
- MORAES, Marielle Barros de. Responsabilidade social bibliotecária (RSB): o que significa em tempos de rupturas democráticas? IN: SPUDEIT, Daniela; MORAES, Marielle Barros de (Orgs). **Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o Século XXI**. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. Disponível em http://abecin.org.br/data/documents/E-Book_Biblioteconomia_Social_1.pdf. p.49-76.

OLIVEIRA, Edson Marques. Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias. **Revista da FAE**, V.7, n.2. 2004. Disponível em <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/416>

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

PARENTE, Cristina et al. Empreendedorismo social: contributos teóricos para a sua definição. IN: ENCONTRO NACIONAL DE SOCIOLOGIA INDUSTRIAL, DAS ORGANIZAÇÕES E DO TRABALHO EMPREGO E COESÃO SOCIAL: da crise de regulação à hegemonia da globalização, 14, Lisboa, Maio de 2011. **Anais...** Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/61185/2/cparenteempreendedorismo000151867.pdf>.

PARENTE, Cristina; QUINTÃO, Carlota. Uma abordagem eclética ao empreendedorismo social. IN: PARENTE, Cristina (Org.). **Empreendedorismo social em Portugal**. Porto: Universidade de Porto. 2014. P. 11-69. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/73385/2/88711.pdf>

SCHNEIDER, Elton Ivan; CASTELO BRANCO, Henrique José. **A caminhada empreendedora: a jornada de transformação de sonhos em realidade**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

SHERA, J. H. Epistemologia Social, Semântica Geral e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 1977. Disponível em <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/92>.

SILVA, Maria de Fátima; MOURA, Laysce; JUNQUEIRA, Luciano. AS interfaces entre empreendedorismo social, negócios sociais e redes sociais no campo social. **Revista de Ciências da Administração**, v. 17, n. 42, p. 121-130, agosto, 2015. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2015v17n42p121/pdf_67.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A escola de Biblioteconomia e a ancoragem da profissão de bibliotecário. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 11, n. 2, n. 2, 2001. Disponível em <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000001436/5cb28a1fd6e5aa86a66a6ec87c63bd8a>

SPUDEIT, Daniela; PRADO, Jorge Moisés Kroll do. Bibliotecas Parque e a Agenda 2030: análise das atividades no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp. CBBDD 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/835>

SPUDEIT, Daniela; MORAES, Marielle Barros de (Orgs). **Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o Século XXI**. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. Disponível em http://abecin.org.br/data/documents/E-Book_Biblioteconomia_Social_1.pdf.

THOMPSON, John L. The World of the Social Entrepreneur. **The International Journal of Public Sector Management**, Bradford, Inglaterra, GB, v. 15, n. 5, p. 412 – 431, 2002.